

## Lembranças de Escolas

### SERIA PARA DANIEL OU PARA DANIELA?

Antonio Pinheiro [\*]



No espaço da minha sala de aula, de maneira sorrateira, algumas perguntas pairam no ar e me provocam a pensar: por que essa cadeira dribla sempre os olhares do **controle de qualidade**? Não representaria ela uma prática discriminatória? Sem sombra de dúvida esta cadeira determina um padrão moral para a sociedade em que vivemos, sendo uma forma de mostrar/lembrar que existem corpos marcados.

Quando o mobiliário escolar apresenta algum problema é levado para a manutenção onde é feito o reparo para em seguida voltar ao seu lugar de origem.

Outra pergunta me interroga: por que essa cadeira ainda não foi para manutenção ser lixada e envernizada? Uma entre as respostas possíveis é a de que está ali para lembrar que para quem chegar o recado está dado.

Legenda [02]

Recordo-me quando era pequeno, ainda no antigo primário na série inicial, após o sinal do fim do recreio corremos, eu e mais outros meninos para o banheiro a fim de fazer “xixi” antes do retorno para a sala de aula. Lembro-me que todos abriram suas braguilhas para urinar, eu fiz diferente, expondo muito mais o meu corpo do que os meus coleguinhas de classe: segurei a ponta da blusa com o queixo, desabotoei o botão que segurava o cós da calça, só depois abri toda a braguilha, achava mais confortável assim, para urinar. Um dos meninos viu e gritou bem alto o que chamou a atenção de todos que estavam ao redor: ele faz xixi diferente. Essa dentre tantas outras situações me davam a percepção de que eu era diferente dos outros meninos. Algumas coisas me diferenciavam dos outros meninos. O meu ato-ação destoava do convencional pelo fato de não responder a uma expectativa ou uma convenção social específica de gênero. Eu era e me sentia diferente de todos eles.

Em meio as minhas lembranças o recado da cadeira chegou até a mim de forma de outro questionamento: seria eu digno de sentar nesta cadeira?

Legenda [03]

Esta foto foi tirada em março, ainda no verão de 2010. O local? Sala de Artes do ISERJ - Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro.

A cada novo ano letivo a cadeira permanece na sala de aula comprovando, por um lado, que a discriminação de gays e lésbicas ainda é aceita e permitida socialmente e, por outro lado, aponta que os desejos homoafetivos e homoeróticos, podem atrair para si insultos e desprezos.

Por que eu deixo esta cadeira na minha sala? **Adivinha?**

Expressões que reforçam preconceitos, homofobia, lesbofobia, transfobia, estigmas e a discriminações são comuns em nossa sociedade. É possível ver tal situação no nosso dia a dia, seja em programas humorísticos, nas telenovelas, nas brincadeiras em rodas de amigos, nos xingamentos, nas chacotas, nas pichações e nos muitos etecetaras das tantas redes de relações em que nos vemos enredados em nosso cotidiano

No cotidiano escolar, referência de minhas reflexões neste texto, as ameaças, agressões físicas, verbais e não verbais como ofensas e constrangimentos são práticas discriminatórias muito comuns, que se disfarçam sob as vistas grossas, fingimento de que não é preconceito, levando tudo na base do humor, da brincadeira, da descontração, da “sacanagem”, do zoar. Desta forma o preconceito, a discriminação velada, de forma sorrateira é internalizada, instituída e naturalizada.

Segundo LOURO (1997), a homofobia é consentida e ensinada nas escolas. A negação dos/as homossexuais no espaço legitimado da sala de aula acaba por confiná-los às “gozações” e aos “insultos” presentes nos recreios e nos jogos, fazendo com que deste modo, jovens gays e lésbicas só possam se reconhecer como desviantes, indesejados ou ridículos.

As redes educativas sem conseguir se desvencilhar de todos os preconceitos e desigualdades comuns à sociedade ainda vive um ensino descontextualizado dos anseios das chamadas “minorias” na sociedade contemporânea, que se quer inclusiva e democrática, sem demonstrar nenhuma preocupação com as histórias e os cotidianos de vida das alunas e alunos que trazem para o âmbito escolar uma diversidade de culturas, crenças, etnias, estilos de vida, com comportamentos que tecem à margem dos padrões hegemônicos, suas tramas em redes, que desafiam o instituído do cotidiano escolar.

LOURO (1997) destaca, contudo, que os sujeitos ou como diria CERTEAU (2009), os praticantes, não são passíveis receptores de imposições externas. Ativamente eles se envolvem e

são envolvidos nessa aprendizagem – reagem, recusam ou as assumem inteiramente (LOURO 1997)

Nós, como educadores, temos o papel de ampliar essa discussão, fazer da escola, um espaço para que os alunos e as alunas possam exercitar a cidadania, respeitar as diferenças de cada pessoa enquanto indivíduo numa sociedade democrática e plural que possa respeitar sua forma de expressão única de ser.

Pensar educação no contexto atual é garantir que as diferenças, não sejam motivos de exclusão. Somos todos diversos. Promover a diversidade é valorizar essa condição e não encará-la como um problema. Educar valorizando cada pessoa como legítimo ser humano, portador de direitos e deveres, é estar voltado para uma educação cidadã.

Na obra: “Matei porque odeio gay”, de Luiz Mott (2003), há um relato de homofobia infantil ocorrida na Bahia, em 3 de maio de 2002. Segundo o autor um grupo de crianças aproximadamente entre 7 e 10 anos escreveu nos portões de um colégio: “viado professor”, o que me traz a lembrança da carteira pichada que, sistematicamente, é mantida em minha sala de arte: seria para Daniel ou Daniela? Ou talvez: seria para mim, o professor?

#### Bibliografia

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: as artes do fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009

JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação/ SECAD/ UNESCO, 2009

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Petrópolis: RJ: Vozes, 1997

MOTT, Luiz Roberto. Matei porque odeio gay. Salvador: Gay da Bahia, 2003

[\*] Mestrando em Educação na Universidade do Rio de Janeiro – UERJ. Graduado em Educação Artística pela Faculdade Integrada Bennett. Estudou na Kungl. Konsthögskolan i Stockholm (Academia Real de Belas Artes de Estocolmo). Artista Plástico e Professor da Rede Estadual de Educação do Rio de Janeiro e da FAETC – Fundação de Apoio a Escola Técnica.